



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS XIV  
COLEGIADO DE HISTÓRIA  
CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA**

**OSVALDO SAMPAIO SILVA FILHO**

**MAS, AFINAL DE CONTAS, DE QUE ÁFRICA ESTAMOS  
FALANDO? O CONTINENTE AFRICANO ENTRE O SENSO  
COMUM E A HISTORIOGRAFIA**

**Conceição do Coité, dezembro de 2014**

**OSVALDO SAMPAIO SILVA FILHO**

**MAS, AFINAL DE CONTAS, DE QUE ÁFRICA ESTAMOS  
FALANDO? O CONTINENTE AFRICANO ENTRE O SENSO  
COMUM E A HISTORIOGRAFIA**

**Artigo apresentado ao Departamento de Educação da  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *CAMPUS*  
XIV, Curso de Licenciatura em História, como parte  
do processo avaliativo para obtenção de Grau de  
Licenciando em História.**

**Orientador: Prof<sup>ª</sup> Esp. Maria Cezarella Oliveira de  
C. Araujo**

**Conceição do Coité/2014**

**OSVALDO SAMPAIO SILVA FILHO**

**MAS, AFINAL DE CONTAS, DE QUE ÁFRICA ESTAMOS  
FALANDO? O CONTINENTE AFRICANO ENTRE O SENSO  
COMUM E A HISTORIOGRAFIA**

**Artigo apresentado ao Departamento de Educação da  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *CAMPUS*  
XIV, Curso de Licenciatura em História, como parte  
do processo avaliativo para obtenção de Grau de  
Licenciando em História.**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMIDORA**

---

Maria Cezarella Oliveira de Carvalho Araujo-Orientadora  
Universidade do Estado da Bahia – *CAMPUS* XIV

---

Antônio Vilas Boas  
Universidade do Estado da Bahia – *CAMPUS* XIV

---

Ivaldo Marciano de França Lima  
Universidade do Estado da Bahia – *CAMPUS* II

Conceição do Coite/2014

Dedico este trabalho, aos educadores que se dispõem a pensar educação de modo a ultrapassar fronteiras, paradigmas e conceitos estanques na sociedade e, principalmente, dentro do seu campo de futebol – **A SALA DE AULA.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio durante o meu Curso na Cidade de Conceição do Coité.

Aos meus amigos, Marcus Joanes Cruz Souza (Inglês) Leandro Daniel (Comunicação); Bonifácio (Inglês) Daniel (História) Paulo (História); Débora (História), Aila (História) Cleidiane (História) Joao Amorim (História); Joao Neto (História); Marciel (História); Roberto Rubens (Historia) e a todos os outros parceiros.

Aos meus amigos unebianos, Henrique Valença, Railton Balduino, Margarete Reis, Iraci Valença, José Décio, Mecia Rios e a todos os outros.

Ao Professor Deijair Ferreira, que desde os tempos de Residência Universitária, reforçava a importância do Curso, e as diversas possibilidades para nós, estudantes desta Instituição.

Além de oferecer todo o apoio possível, como Diretor deste Departamento dentro das possibilidades administrativas, e como parceiro, sempre com o objetivo de melhorar a vida do estudante de fora da cidade.

Ao Companheiro e colega de trabalho Pedro Márcio Pinto de Oliveira, que sempre me ajudou nos momentos de aperto com o meu *nootbook*

A minha Orientadora Maria Cezarella. Como defina-la? GRANDE MULHER!  
GRANDE SER HUMANO! GRANDE PROFISSIONAL!

Ao meu amigo Professor Doutor Ivaldo Marciano, “mestre dos conhecimentos” . Quando terminavam as aulas de África, saia da sala “quebrado” de tanta referência para ler. O que foi muito importante na minha formação.

Ao Professor Antônio Vila Boas, Coordenador do Colegiado de História. Excelente Professor e Coordenador.

A Uilma Dantas, Secretária do Colegiado de História, sempre atendendo com muita competência e paciência as turmas do Curso.

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir o Continente africano com olhar historiográfico, devidamente, pautado em discussões teóricas que vão de encontro ao senso comum uma vez que este traz incoerências e inconsistências em discursos que fogem dos caminhos das pesquisa científica concernentes ao Ofício do historiador. Em momento algum, este trabalho foi construído com a intenção de não levar em conta opiniões não fundamentadas na pesquisa científica, mesmo porque tudo é história. O presente trabalho deseja ressignificar os estudos sobre o continente africano pela necessidade pujante de cultivar alunos, principalmente, de ensino médio, sobre a importância de se estudar África descolado de ideias impregnadas na sociedade, na qual há uma cooptação que transforma a História da África com a História do Brasil, sem distinções. A História da África está consubstanciada com a História brasileira, contudo este Continente possui suas próprias características como todos os outros continentes.

**Palavras Chaves:** Brasil – África – Mídia – Google - Negros

## Introdução

Como definir o continente africano entre os homens e as mulheres que no seu dia a dia fazem compras, trabalham, estudam, utilizam seus smartphones, leem jornais e assistem programas de televisão? Aliás, o que pensar sobre um continente que é quase sempre representado por imagens baseadas em estereótipos, aonde todos os seus habitantes ou são negros, exímios dançarinos, ou selvagens, primitivos, destituídos de valores civilizatórios, ou estão em guerras, se matando uns aos outros em meio às doenças, fome, miséria, tráfico de drogas e prostituição? <sup>1</sup>

Eis algumas das questões enfrentadas pelos que se atrevem a ensinar algo sobre a África, o “lugar” das “misérias”, “coisas ruins” e habitado pelos “negros” “africanos”, definidos como aqueles que são os “parentes distantes” dos negros brasileiros. Estes últimos, por acaso, não são apenas brasileiros, mas afro-brasileiros ou afrodescendentes, uma vez que são, invariavelmente, descendentes dos antigos escravos que para o Brasil foram trazidos de forma compulsória. E por falar em escravos, é bom não esquecermos que estes são as vítimas dos europeus “maldosos”, que “foram até o continente africano e sequestraram alguns dos seus habitantes, trazendo-os para as Américas”. Isto tudo pode ser resumido no fato de que os africanos, “por serem irmãos uns dos outros”, jamais iriam escravizar seus iguais: “antes dos europeus, quem ouvia falar de escravidão no continente africano?”, declarou uma das maiores lideranças de um grupo político do movimento social negro coiteense.

O leitor e a leitora devem estar se perguntando sobre as afirmações ditas acima, se são verdadeiras e em que livros eu me apoiei para estabelecer tais declarações. Estes mesmos leitores também irão indagar a respeito de serem estas palavras dignas de crédito, ou se constituem apenas devaneios de um jovem aprendiz de feiticeiro, ou melhor, de historiador. Bem, devo ser o mais sincero possível e admitir que as afirmações feitas sobre o continente africano não são fruto de compêndios ou tratados acadêmicos, mas permeiam as mentes da imensa maioria dos estudantes das escolas em que ministrei aulas como professor da UPT, assim como das pessoas com quem

---

<sup>1</sup> LIMA,IVALDO MARCIANO DE FRANÇA. Selvas, povos primitivos, doenças, fome, guerra e caos: a África no cinema, histórias em quadrinhos e nos jornais. *Áfricas*, vol. 01, n. 01, 2014, p. 45 – 56.

conversei nas feiras e mercados em que ia tranquilamente fazer compras na bela metrópole sisaleira.<sup>2</sup>

Também não devemos esquecer, estimado leitor, que os terreiros de candomblé foram consagrados como “ilhas de África no Brasil”, frase conhecida e escrita por Bastide em sua clássica obra “*O candomblé da Bahia*”. Tenho certeza de que certamente ao falar sobre África, uma das primeiras imagens que virá na vossa mente será o de alguma bela mulher trajando um vestido alusivo aos orixás. Mas, será que isto deve ser visto como algo realmente africano?

Em outras palavras, simplificando da forma mais prosaica possível, estou afirmando que as representações desenhadas acima se constituem nas grosseiras descrições que predominam sobre o continente africano, seja devido aos meios de comunicação, filmes hollywoodianos, jornais, ou construções políticas dos movimentos sociais negros.<sup>3</sup> Em suma, a África existente em grande parte das representações predominantes no senso comum destoa daquela existente na bibliografia sobre o continente africano. Há uma África nas mídias, filmes hollywoodianos, terreiros de candomblé e movimentos sociais negros, que em nada ou quase nada se assemelha ao que está descrito e representado nas obras de Ki-Zerbo, M’Bokolo, Coleção *História Geral da África*, dentre outros autores.<sup>4</sup> O que há em torno deste descompasso?

---

<sup>2</sup> Trabalhei como professor do programa Universidade Para Todos – UPT nas cidades de Conceição do Coité. Nas escolas em que ministrei aulas elaborei um pequeno questionário com perguntas sobre o continente africano. Praticamente oitenta por cento destes traziam informações negativas sobre a África. Os poucos questionários que chegavam às minhas mãos com dados positivos eram de alunos que de alguma forma sofriam influências dos movimentos sociais negros. Estes sempre descreviam a África como o lugar dos negros, de onde se originou a capoeira e o candomblé.

<sup>3</sup> OLIVA, Anderson de Oliveira. Tese de Doutorado. **Lições sobre a África: Diálogos entre as representações Ocidental e o ensino da história da África no mundo atlântico**, Programa de Pós-Graduação em História. UNB, 2007.

<sup>4</sup> De Ki-Zerbo, ver: KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Volume I. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1972; KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Volume II. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002; KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006. De M’Bokolo, ver: M’BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, Tomo II. A Coleção História Geral da África reúne diversos autores, em sua maioria historiadores do continente africano. Ver: KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; MOKHTAR, Gamal (Org). **História Geral da África, Vol. II - A África antiga**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; FASI, El Mohammed; HRBEK, Ivan (Org). **História Geral da África, Vol. III - África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; AZRUI, Ali A.; NIANE, D. T. (Coord.). **História Geral da África, vol. IV – A África do século XII ao século XVI**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; OGOT, B. A. (Org). **História Geral da África, Vol. V – África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; AJAYI, J. F. Ade (Org). **História Geral da África, vol. VI - África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; BOAHEN, Albert Adu (Org). **História Geral da África, vol VII - África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; WONDJI, C. (Orgs). **História Geral da África, vol. VIII – África desde 1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

## **O Brasil como parte da África: terreiros de candomblé, Pierre Verger e as “africanidades”.**

Costa e Silva, na introdução de duas de suas obras, defende que o estudo da África é importante para que se conheça o Brasil.<sup>5</sup> Evidente que esta frase está consubstanciada na defesa do continente africano como importante na formação do nosso país. Trata-se de uma afirmação que certamente visa positivar uma África descrita como primitiva e selvagem, que foi paulatinamente relegada ao descaso, no plano dos estudos, por parte das autoridades que organizavam e normatizavam as matrizes curriculares dos cursos de História e demais regimes de estudo (os atuais níveis médio e fundamental).<sup>6</sup> Nas diferentes palestras proferidas por Costa e Silva que tive a oportunidade de assistir, percebi que a defesa do continente africano enquanto objeto de estudo válido e legítimo confirma minhas afirmações ditas acima, e que vão ao encontro da ideia de que a África é fundamental para o conhecimento do Brasil.

Entretanto, sobre esta mesma frase uma questão necessita ser mais bem discutida. Como se justifica o conhecimento de um país a partir do estudo de um continente que é separado pelo oceano Atlântico? Como afirmar que o estudo da África possibilitará o conhecimento do Brasil sem que se acredite na ideia de que as práticas e costumes podem ser transportados de um espaço para o outro, sem que se operem mudanças e ressignificações? Claro está que Costa e Silva concorda com estas teses, ainda mais quando se observa em um dos seus trabalhos interrogações sobre se de fato o frevo é pernambucano ou africano.<sup>7</sup> Suas interrogações sobre esta questão lhe colocam em um campo de estudos que foi hegemônico em nosso país ao longo do século XX. Para ele, de forma implícita, prática cultural possui origem, e é passível de ser “transportada” de um lugar para o outro.

Assim como Arthur Ramos e Roger Bastide, Costa e Silva acredita que há no Brasil pedaços do continente africano, consubstanciados nas práticas e costumes operados pelos negros e negras, ditos afro-brasileiros ou afrodescendentes. O título de

---

<sup>5</sup> COSTA e SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança. A África antes dos portugueses.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996; COSTA e SILVA, Alberto da. **A manilha e o libambo. A África e a escravidão, de 1500 a 1700.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

<sup>6</sup> Sobre esta questão, ver RODRIGUES, José Honório. **Brasil e África – outro horizonte.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.

<sup>7</sup> COSTA e SILVA, Alberto da. **Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Nova Fronteira, 2003.

uma das obras de Arthur Ramos, “*As culturas africanas no novo mundo*”, ou do profícuo e festejado livro de Bastide, “*As religiões africanas na Bahia*” são suficientes para que o prezado e estimado leitor entenda o argumento que por ora exponho.<sup>8</sup>

Ambos autores estão em sintonia com o pensamento de Herskovits, que se baseia na crença da transposição de um lugar para o outro de determinada prática ou costume cultural.<sup>9</sup> Estas teses, predominantes entre os estudiosos na maior parte do século XX, só foi objeto de contendas a partir dos trabalhos de Mintz e Price, que nos anos 1980 publicaram o seu festejado “*O nascimento da cultura afro americana*”.<sup>10</sup> Neste trabalho, os autores questionaram acerca da possibilidade de uma prática cultural ser transportada de forma incólume de um dado espaço para outro. Estes mesmos autores tornaram-se tributários das teses que afirmam serem as práticas humanas dotadas da propriedade de adaptação e mestiçagem com outras, dialogando com as posteriores ideias dos Estudos Culturais, que também defendem a inexistência desta propriedade de pureza no que diz respeito ao fazer humano. Ainda nos anos 1950, Ortiz já destacava sobre o fato de serem as práticas culturais dotadas da capacidade de se amalgamarem umas as outras. É o que ele denominava de transculturalismo, definido em sua obra *Contrapunteo*, e que serve de referência para outro debate, sobre as escolas de samba cariocas, encetadas por Vianna no já consagrado *O mistério do samba*.<sup>11</sup>

Logo, o leitor e a leitora não terão grandes dificuldades para imaginar sobre as razões que me fazem escrever estas linhas. A ideia de que os negros brasileiros são descendentes do continente africano é uma construção operada em diferentes planos, nos quais os autores citados são parte primordial de um enredo iniciado ainda no século XIX. Os negros e negras deste país, que até a primeira metade do século XIX eram conhecidos por diferentes termos, passaram a uma condição “indesejável” no final dos anos 1880, qual seja, “ganharam” a condição de homens livres. E agora, faz-se necessário o uso de termos que assegurem e consagrem a diferença. Eis o fio condutor

---

<sup>8</sup> RAMOS, Arthur. **As culturas negras no novo mundo**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979, 4ª edição; BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil – Contribuição a uma sociologia das interpenetrações das civilizações**. São Paulo: Pioneira/USP, 1971. Sobre a ideia do terreiro enquanto uma ilha de África no Brasil, ver: BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

<sup>9</sup> HERSKOVITS, Melville J. **Man and His Works – Antropologia Cultural**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

<sup>10</sup> MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro americana. Uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Pallas/UCAM, 2003.

<sup>11</sup> VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / Editora da UFRJ, 2002, 4ª edição. ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Catedra, 2002.

dos excelentes trabalhos de Naxaro e Carneiro da Cunha, que possuem a aceitação tácita de Góis Dantas.<sup>12</sup>

Isto não quer dizer que a construção da descendência entre negros do Brasil e África tenha sido apenas obra de intelectuais. Evidente que há uma via de mão dupla nesta construção, mas, faz-se necessário desconstruir a naturalidade com que estas relações são operadas, posto que entre os ditos negros há, certamente, outros códigos genéticos, a exemplo dos povos indígenas e descendentes do continente europeu. As descendências não se constituem em ato puramente biológico, mas em reivindicações e discursos operados no plano da cultura, logo, uma construção que está longe de ser vista como algo dado à genética.<sup>13</sup>

Em meio a este processo de construção dos negros enquanto descendentes da África, veja-se também o processo de fabricação das similitudes entre dois espaços geográficos distantes e separados por um grande oceano. Dois grandes documentários possuem significativa contribuição para a retroalimentação de tais teses. *Atlântico Negro, na rota dos orixás*, produzido e dirigido por Renato Barbieri, em 1998, mostra imagens do Benin e da Nigéria, em confronto com partes da Bahia, mais precisamente Salvador e Recôncavo. Defende-se, nesta narrativa, a tese de que os orixás existentes na capital baiana, e os voduns da bela cidade de São Luís do Maranhão se constituem na prova cabal de que entre o Brasil e a África há mais semelhanças do que diferenças. A narrativa chega a impressionar no que diz respeito à ideia das continuidades, quando o religioso “Pai Euclides” canta uma toada saldando um vodu em São Luís, e um sacerdote vodunsi, no Benin, o compreende “perfeitamente”. Eis a prova de que a “África” está no Brasil!

Outro documentário que encetou esta tese, mostrando as semelhanças e continuidades entre o Brasil e a África, foi produzido em 1999. “*Pierre Verger, Mensageiro entre dois mundos*” mostra os liames entre a África e o Brasil através de

---

<sup>12</sup> DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô, papai branco. Usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988; CUNHA, Maria Manuela Carneiro da. **Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985. NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiros na própria terra. Representações do brasileiro. 1870 – 1920**. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 1998.

<sup>13</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000; HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003; HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico nacional**, n. 24, 1996, p. 68 – 75; SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: Edusc, 1999. Para um melhor entendimento da separação entre natureza e cultura, ver: LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004; SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

imagens de partes da Nigéria e da capital baiana. Em ambos os documentários a África aparece como um dado homogêneo, como se “todos os africanos cultuassem os orixás e vodus”, ou, como se os negros brasileiros cultuassem, em sua totalidade, o candomblé de orixá. Estas afirmações possuem sentido e devem ser tomadas como a maior expressão da verdade? Evidente que não!

Para além de quaisquer considerações, a África não pode ser tomada como sinônimo da Nigéria, ainda mais quando se sabe que este país possui mais de duzentos povos, cada qual portador de diferentes expressões religiosas. O culto aos orixás é apenas um dentre tantos! Ainda mais: este culto não ocorre da mesma forma que se processa no Brasil. Lima, em artigo sobre conceitos utilizados na História, mostra que as religiões ditas “de matriz africana” são assim compreendidas pela necessidade de se estabelecer uma África dotada de homogeneidades que ela não dispõe.<sup>14</sup> Em outras palavras, “nem a África cultua os orixás”, nem todos os negros do Brasil praticam o candomblé. Entretanto, esta compreensão, bastante difícil de ser tomada nas escolas e universidades, é fundamental para atribuir uma representação que justifica a naturalidade que se assenta na relação entre negros e candomblé, África e Brasil. Para a constituição de tais representações é fundamental que se pense nas homogeneidades, ou, em outras palavras, “todo africano é negro”, e a “África possui a religião dos orixás como grande consenso”, mesmo que neste continente, em sua efetividade, grande parte das almas professe o islã!

Pode-se afirmar, nesse sentido, que as relações entre a África, tomada por uma dimensão homogênea, e o Brasil, confundido como sinônimo da capital baiana, são fundamentais e estruturantes para a crença nas representações predominantes no senso comum, e mesmo entre diferentes estudiosos das temáticas alusivas ao negro e suas práticas culturais. Infelizmente, mesmo em minha egrégia instituição de ensino, a defesa de tais teses, feita de forma apaixonada por alguns “líderes” de movimentos sociais que frequentam este Departamento, corrobora para a manutenção de representações que não se sustentam mediante a leitura de obras de diferentes autores africanos e africanistas. Nestes, se observa grande diversidade em todos os sentidos. Appiah, por exemplo, afirma que não existe nada de universal em termos de práticas e costumes culturais,

---

<sup>14</sup> LIMA, Ivaldo Marciano de França. Por uma história a partir dos conceitos: África, cultura negra e lei 10639/2003. Reflexões para desconstruir certezas. *A Cor das Letras*, n. 12, 2011, p. 125 – 152.

entre os povos do continente africano.<sup>15</sup> Achille Mbembe vai mais além e declara que a África é uma construção que lhe é exterior, tese reforçada por Mundibe, que se apoia no festejado trabalho de Said, *Orientalismo*.<sup>16</sup>

Ora, mediante a análise de imagens sobre os diferentes povos do continente africano, ou sob a influência da leitura de historiadores nativos, percebe-se o grande descompasso entre o que se pensa da África em nosso país e o que efetivamente existe do outro lado do Atlântico. Mas, as representações são baseadas em estereótipias, conforme Chartier, e não há nada de mal em se construir imagens baseadas em homogeneidades.<sup>17</sup> O problema está em tomar tais questões como fatos naturalizados, e aí é que a questão se torna de grave calado, quando ouvimos supostos estudiosos, baseados em bibliografias destituídas do debate com o contraditório, afirmarem e defenderem teses que colocam o Brasil como continuidade de uma África homogênea.

A universalidade deste continente é “denunciada” por autores das mais diferentes áreas. Seja da História propriamente dita, seja da Literatura ou mesmo da Geografia. Os personagens de Chinua Achebe, por exemplo, mostram a imensa diferença que reina no interior de um mesmo país: a consagrada Nigéria. Uma simples comparação dos personagens deste renomado escritor com os protagonistas das obras de Chimamanda são suficientes para nos convencer de que mesmo em um país a diversidade é fato consumado. A África, ou melhor, a Nigéria não existe! E se o há, são em múltiplas dimensões.<sup>18</sup>

Após estas breves linhas, creio que agora o estimado leitor e a nobre leitora poderão concordar comigo sobre algumas das questões que encetei no início deste trabalho. Quis mostrar, por meio de significativa quantidade de obras, que a relação entre negros e África é uma representação construída, e que se valeu de trabalhos no âmbito da academia e dos discursos de setores significativos dos movimentos sociais. Mas, esta não é a única possibilidade de representar o continente africano a partir do

<sup>15</sup> APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

<sup>16</sup> MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*. Mangualde/ Luanda: Edições Pedagogo/ Edições Mulemba, 2013; MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 01, 2001, p. 172 – 209; SAID, Edward W. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988; CHARTIER, Roger. *À beira da Falésia. A História entre certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

<sup>18</sup> ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Cia das Letras, 2009; ACHEBE, Chinua. *A paz dura pouco*. São Paulo: Cia das Letras, 2011; ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

senso comum. A África também é vista como um “lugar”, povoada por povos primitivos e selvagens, ou como o reino do atraso, fome, doenças e corrupção. Afinal de contas, qual o lugar destas representações? E mais além, o que nos assegura não ser este continente igual ao que afirmam tais representações?

### **Selvagerias, fome, miséria, atraso e corrupção: a África do cinema e das mídias.**

Em meio aos homens e mulheres coiteenses, uma simples indagação sobre o continente africano suscitará diferentes estereotípias, das mais grosseiras possíveis. A “África é um lugar terrível”, proferiu minha querida fornecedora dos componentes para a minha salada diária. Em meio ao comércio de tomates e cebolas, ela me informou parte do substrato representacional que subjaz nas mentalidades de boa parte dos coiteenses que não tem acesso a outro meio de informação que não seja a televisão, jornais diários e revistas semanais. O cinema, notadamente o hollywoodiano, possui grande responsabilidade na feitura destas representações grosseiras sobre a África. Para além das questões baseadas na homogeneidade, o continente africano responde como chamariz para temáticas nem sempre agradáveis aos olhos das almas mais sensíveis.

Ou seja, guerras, fome, miséria, doenças, desgraças de toda ordem encontram seu lugar preferencial no continente africano, como se este fosse o berço de tudo que ruim há no mundo. Aliás, para quem é versado em filmes de terror, o Diabo quando caiu dos céus, teve como berço a África, conforme a narrativa fílmica denominada *O Exorcista*.<sup>19</sup> Ou então, se o nobre leitor não gosta de filmes de terror, poderá contemplar o belíssimo desenho animado intitulado *Madagascar*.<sup>20</sup> Neste, há uma interessante interpretação implícita, possível de ser abstraída após alguns minutos à frente da telinha assistindo o desenho em questão. A narrativa desta consubstancia-se em animais endêmicos do continente africano, que falam, riem, comem e se divertem, ou seja, possuem características humanas. Conta a história, que eles foram raptados por “malvados” caçadores, quando ainda na mais tenra idade. E foram levados para um zoológico estadunidense, convertendo-se na principal atração do mesmo.

Entretanto, após intensas campanhas de denúncias contra o zoológico, os animais foram levados de volta para casa, ou seja, a África! E tem-se início a toda

---

<sup>19</sup> O EXORCISTA. Direção: Willian Friedkin. Produção: Willian Peter Blatty. Wanner Bros, 1973.

<sup>20</sup> MADAGASCAR. Direção: Eric Darnell; Tom Mcgrath. Produção: Mireille Soria; Teresa Chang. DreamWorks Animation, 2005.

trama. Qual o fio condutor da mesma? Ora, os animais, civilizados, desejam “voltar para casa”, nos EUA. O que uma girafa, hipopótamo e leão possuem em comum nesta história toda? Fazem parte do mundo civilizado, que não está na “África”, berço dos animais selvagens. Eis uma “excelente representação” para crianças e jovens, público alvo em potencial desta narrativa fílmica de grande sucesso. O que pensar destes jovens e suas concepções sobre a África daqui a alguns anos? Aliás, o que imaginar dos meus jovens alunos das salas de aula da UPT? Eis algumas das explicações sobre a relação entre África e selvageria. Mas, estas não são as únicas possibilidades.

Outras narrativas fílmicas sobre o continente africano são bastante elucidativas em relação aos modos como este é representado pela sociedade coiteense em geral. *Diamantes de Sangue*, por exemplo, conta a história de um homem que encontrou um grande diamante rosa em uma mineração controlada pelos rebeldes de Serra Leoa. A narrativa pouco informa sobre o contexto da guerra civil que assolou o país ao longo dos anos 1990.<sup>21</sup> Nada conhecemos sobre as motivações dos rebeldes, apenas sabemos que os mesmos recrutavam crianças para as transformarem em soldados. Também observamos que estes dissidentes serra-leonenses eram viciados em drogas, baderneiros de marca maior, vide as cenas que mostra quando tomam a capital, Freetown. Em outras palavras, as questões que movimentam as guerras e conflitos políticos no continente, conforme a narrativa em questão apresenta um continente destituído de projetos civilizatórios. A questão é apenas a tomada do poder, pois, “os africanos são corruptos”!

E se o nobre leitor discordar de minha afirmativa, por favor, contemple também as narrativas fílmicas *O Jardineiro Fiel*, *Filhos do Silêncio* e *Hotel Ruanda*. Nestas obras, fantásticas para movimentar e entreter os nossos finais de semana, a temática persiste como que um enredo martelado a ferro e a fogo. Quem assiste a estes filmes tem a impressão de estar diante de tramas que possuem os mesmos fios condutores no que diz respeito à corrupção, uso de drogas, guerras sem sentido e desordem generalizada.

Na narrativa fílmica *Filhos do Silêncio*, o enredo dá conta de um grupo de soldados estadunidenses que, em plena compaixão dos “pobres e indefesos africanos”, enfrenta toda a sorte dos azares para cumprir a digna e bela tarefa de amor ao próximo.

<sup>22</sup> E a jornada só se completa quando eles conseguem fugir dos terríveis e odiados

---

<sup>21</sup> DIAMANTE de Sangue . Direção: Edward Zwick. Produção Edward Zwick. Warner Bros, 2006.

<sup>22</sup> FILHOS do Silêncio. Direção: Randa Haines. Produção: Randa Haines. Paramount, 1986.

soldados “africanos” que os perseguem a todo custo. Um bom expectador apenas contempla a narrativa e pensa: meu Deus, por que tanta maldade no coração destes africanos? Mas, infelizmente a narrativa hollywoodiana não permite que esta resposta seja encontrada. Eles, os africanos, são maus e ponto final. Ora, se o prezado leitor, que me acompanhou com a devida atenção até o momento (mesmo que tenha parado a leitura para tomar um breve café), lembrar que a narrativa fílmica *O Exorcista* construiu o liame entre o diabo e a África, não será preciso muito esforço para entender parte dos motivos da maldade destes africanos. Certamente, Dona Zefinha, que me vende tomate e cebola, não está de toda errada quando diz que “Deus castigou os africanos com toda a sorte de doenças”, afinal de contas, “estes africanos são muito maldosos”. Por isso que vivem na miséria!

Outra narrativa fílmica muito festejada, sobre “a África”, *Hotel Ruanda*, informa sobre grave conflito ocorrido em Ruanda no ano de 1994.<sup>23</sup> A trama, produzida no ano de 2004, integra uma celebrizada trilogia que dispõe sobre o terrível conflito que existiu entre tutsis e hutus. O expectador desta narrativa terá diante de si a informação de que aproximadamente um milhão de pessoas morreram em nome de uma guerra “tribal”, étnica, destituída de sentidos que justificariam o conflito. Por que guerrearam, perguntará a estimada leitora que se atreveu a parar a leitura destas linhas para assistir a narrativa em questão. Ora, simplesmente por que faziam parte de “tribos” diferentes, responderá o conteúdo existente na referida narrativa. A mesma informa sobre alguns dos elementos presentes na trama. O conflito ganhou dimensões de grande porte devido ao grande número de mortes em aproximados três meses. As armas utilizadas no conflito foram os “modernos” facões comprados da China, conforme demonstram Hatzfeld e Gourevitch.<sup>24</sup> O Trabalho de conclusão de curso de Stella Mayse também se constitui em outra boa oportunidade de compulsar uma narrativa com excelente perspectiva e razoável bibliografia sobre este assunto.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> HOTEL Ruanda. Direção: Terry George. Produção: Terry George; Keir Pearson. Lions Gates Films Inc, 2004.

<sup>24</sup> GOUREVITCH, Phillip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias. Histórias de Ruanda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000; HATZFELD, Jean. **Uma temporada de facões. Relatos do genocídio em Ruanda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Sobre o contexto político de Ruanda, ver também: KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano. Minha vida na África.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>25</sup> SANTOS, Stella Mayse Sampaio dos. **Hollywood e África: uma história que não deu certo. Estereótipos e clichês nas telas – O espírito da selva e a guerra de Ruanda.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2013.

E o mundo assistiu ao conflito de forma perplexa, bestializados, atônitos, pois se tratava de um “briga de irmãos”. Uma simples consulta aos jornais do período, notadamente *Folha de São Paulo* e *A Tarde* servirá para que o leitor e a leitora observem os debates suscitados no momento: os africanos são incapazes de viverem em paz, civilizados. Estas conclusões, formadoras do conjunto de teses que foi denominado por *afro pessimismo*, mostram as boas relações entre cinema, fato, política e interpretação. Serrano e Waldman, em razoável obra sobre a História e Geografia da África, mostram parte destas questões, lançadas ao debate ao longo dos anos 1990.<sup>26</sup> Mais uma vez recordo de Dona Zefinha, quando certamente diria, nos anos em questão, que de fato “estes africanos não sabem viver em paz”, estando sempre às voltas com guerras, conflitos e discórdias. Afinal de contas, “não conhecem Deus, pois são todos cultuadores dos orixás”.<sup>27</sup>

Mas, é possível afirmar que a África é lugar selvagem e dotado de atrocidades diversas? Pode-se afirmar que apenas o cinema é responsável por estas representações? Conforme Anderson Oliva, os jornais diários, revistas semanais e programas televisivos também possuem parcela de responsabilidade na construção destas representações. Há que se considerar também o fato de que sobre a África, conforme belo vídeo de Chimamanda Adichie, disponível no Youtube, não há grande interesse comercial em discorrer sobre uma África diversa e positiva. Sobre ela há apenas as histórias únicas, que dão conta unicamente de determinadas questões.<sup>28</sup>

Sim, conforme a autora citada há mortes, misérias, fomes, guerras e corrupções no continente africano, mas, também há felicidade, vida, sorrisos, alegrias, paz, fartura, desenvolvimento, riquezas, que infelizmente não vem à tona em nossa sociedade devido a fatores diversos, que escapam aos objetivos deste humilde e exíguo artigo. Ressalte-se apenas que de fato pouco sabemos sobre a África, em grande medida, apenas nos

<sup>26</sup> SERRANO Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D’África – a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

<sup>27</sup> WHITE, Hayden. **El contenido de la forma: narrativa, discurso y representación histórica**. Barcelona: Paidós, 1992; WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991, p. 21-48. Nunca é demais lembrar que estas afirmações não se constituem em objetos de minha aceitação. Necessito dispor sobre a narrativa que aqui apresento, defendendo, tal qual White, que o texto do historiador não necessita ser destituído de elementos literários. Eis uma das principais razões que me fizeram dispor do texto da forma apresentada. Aqui reivindico o estatuto da história como algo prazeroso, bom de ler, conforme defende Lima, em trabalho sobre maracatus nação pernambucanos. Ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos**. Recife: Edições Bagaço, 2012.

<sup>28</sup> [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)  
Acessado em 11/11/2014.

limitamos às grosseiras representações imagéticas, dispostas nas narrativas fílmicas, notícias negativas das revistas semanais e jornais diários. Ainda sobre o trabalho de Anderson Oliva, uma rápida conferida em suas pesquisas sobre o teor das notícias existentes nos referidos veículos midiáticos citados, verá que aproximados oitenta por cento dão conta de desastres, guerras, doenças e outras “coisas ruins”. Não há espaço para boas novas na África por parte da grande mídia. Isto não vende!

Em festejado trabalho sobre um moleiro, Ginzburg mostra, mediante exaustiva documentação e extensa bibliografia, que as interpretações nem sempre saem de forma homogênea, e consoantes ao desejo das supostas elites.<sup>29</sup> Mennocchio, personagem da obra citada, possui teses próprias sobre o surgimento do mundo e da humanidade. Isto lhe valeu o processo inquisitorial que nos fez dispor do conhecimento sobre sua existência. Seu “atrevimento” em interpretar o mundo de forma livre também pode nos ajudar um pouco nesta tentativa de entendimento sobre o teor das representações da África que grassam entre os populares.

Além disso, deve-se também dispor sobre as revistas em quadrinhos que dispuseram sobre o continente africano, especialmente Fantasma e Tarzan. Nestas, os povos do continente africano sempre ocupam o lugar do passivo, primitivo, destituído de valores humanitários. Em análoga discussão sobre Tintim na África, Paulo Rodrigo, em excelente trabalho, mostra as complexas relações entre imagem, texto, entretenimento e representação.<sup>30</sup> Longe de se constituírem em objetos pueris, destituídos de sentidos, as histórias em quadrinhos constroem imagens e representações. Eis mais um elemento a ser considerado neste processo de entendimento das ideias que grassam sobre o continente africano em nossa sociedade!

### **O Google: a consagração da miséria, do exótico e do selvagem.**

Uma simples busca no “irmão mais velho”, o Google, nos levava a se ver diante de importante pista sobre estas homogeneidades que se abateram com força sobre o continente africano. O que há com esta África e o que aparece enquanto possibilidade quando perguntamos pelo mesmo ao referido famoso site de buscas? As opções vão de

---

<sup>29</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

<sup>30</sup> SILVA, Paulo Rodrigo Ferreira. **As representações do continente africano nas histórias em quadrinhos: uma análise historiográfica de “Tintim na África”**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2014.

miséria, fome, tristeza e caos, passando pelas imagens de animais selvagens, safári, e florestas. Mas, a “África é isto mesmo, meu filho”, diria Dona Zefinha ao se referir à África. Aliás, por duas ocasiões esta simpática senhora manifestou preocupação comigo, quando anunciei que iria fazer meu trabalho final de curso sobre o continente africano. Os conselhos desta senhora refletem bem sobre o imaginário e suas representações sobre a África. Trata-se de um continente que possui poderosos veículos de contrainformação, ou, de aparelhos reprodutores, disseminadores e criadores de representações que encobrem sua imensa riqueza, diversidade e História. Mesmo não sendo um “lugar” em que as crianças vivem tristes, o que se pensa sobre a África é exatamente o oposto, e não adiantar negar ou contra argumentar com Dona Zefinha, por mais que Costa e Silva defina, em seu belo livro *A África explicada aos meus filhos*, que ao mesmo tempo em que há crianças felizes, indo de barriga cheia para a escola, há os que estão passando fome, ou com armas nas mãos.<sup>31</sup> As imagens e suas representações dotadas de homogeneidades não permitem pensar a África para além do batido e chato discurso de pobreza, miséria e caos. De fato Dona Zefinha tem razão, esta África é muito chata!

Ainda sobre o Google, não adianta muito insistir em dizer o contrário. O leão é o rei das selvas, mesmo que este seja um animal de savana, e os africanos são selvagens, a despeito de seus cientistas e personalidades renomadas. Não há liames entre esta representação grotesca do continente africano e sua efetividade, do outro lado do Atlântico.

### **A África dos negros: a raça negra e seu “lugar” de origem.**

Ainda recordo quando o professor Ivaldo Marciano, em sua primeira aula no campus XIV, afirmou a frase, assustadora na época: na África não existem negros... Era uma constatação de um professor pesquisador, baseada em leituras sobre o continente em questão, ou apenas mais uma loucura sobre o “lugar” em que todos têm algo a dizer, mas poucos sabem de fato? Eis o problema! Ao ouvir o referido professor, percebi que parte significativa das suas palavras tinham lógica, pois as guerras entre os povos revelavam que as primeiras identidades, postas em questão, não diziam respeito a cor da pele.

---

<sup>31</sup> SILVA, Alberto da Costa. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008.

Assim sendo, o que é a África para os movimentos sociais negros? Conforme Appiah, esta África enquanto constructo que a define como lugar de origem dos negros é uma invenção possível de ser localizada nos anos finais da primeira metade do século XIX, e que tem o grosso dos seus intelectos levados a cabo por militantes sociais negros das Américas e Estados Unidos. Refiro-me aos pan-africanistas, que inventaram uma África homogênea, e que deveria dispor de um só idioma e destituída de fronteiras entre seus povos.<sup>32</sup> Conforme trabalho citado, do professor Ivaldo Marciano, este processo de invenção de uma África enquanto terra e lugar de origem dos negros propiciou um sem número de conceitos e compreensões que deságuam na perspectiva de que este é o continente de origem dos negros. Eis uma excelente construção intelectual, difícil até para nós refletirmos, dado seu poderoso processo de naturalização, que se afigura na metáfora associativa: negros = África. Um é sinônimo do outro. E por isso que os negros brasileiros são afro “qualquer coisa”, e os africanos são os nossos ancestrais.

Nesse sentido, mediante estas considerações, entende-se um pouco dos processos enfrentados por aqueles que se dignam a estudar os diferentes elementos possíveis do continente africano. Para além destas considerações, ressalte-se também o fato de ter sido a África objeto de diferentes preconceitos e descasos, mas esta é outra história, que certamente estará na conta das minhas futuras pesquisas e andanças. Por ora, basta convencer ao senhor leitor, e a senhora leitora, de que as imagens e representações consagradas sobre a África não se constituem em coisa à toa. Representar algo ou alguma coisa não é tarefa das mais fáceis, tampouco atividade ingênua e inocente. Eis a África e seus percalços.

### **Conclusão: o que concluir? Por uma História da África e dos africanos!**

Ao longo destas breves páginas procurei mostrar ao leitor e a leitora que sobre a África recaem diferentes representações, e que estas possuem dispositivos diversos, assentados nas mídias, discursos e saber consagrado sobre a África. Procurei mostrar isto a partir dos filmes hollywoodianos, trajetórias acadêmicas do século XX e mídias diversas. Meu objetivo foi, portanto, abordar as dificuldades colocadas para que um

---

<sup>32</sup> LIMA, Ivaldo Marciano de França. Todos os negros são africanos? Trabalho apresentado na XXVI Simpósio Nacional da ANPUH, Anais eletrônicos, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368\\_ARQUIVO\\_Trabalho\\_completoANPUH\\_Ivaldo2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUH_Ivaldo2011[1].pdf)

professor do ensino médio e fundamental possa discorrer sobre a África, sem serem acusados de disporem da prática do candomblé ou de qualquer outra coisa. A África seja sob o ponto de vista dos estudantes, ou das pessoas comuns, destas que vemos todos os dias nos supermercados, feiras livres, cinemas, e ruas em geral, são constantemente bombardeadas por representações estereotipadas, que consagram e cristalizam um continente que se define pelo singular e homogêneo, e que é exótico, selvagem, primitivo e destituído de valores civilizatórios, além de estar sempre as voltas com a guerra, em meio a um povo (o africano) que vive com fome, na mais absoluta miséria. Sobre a África sentimos pena, repulsa ou uma distante ideia de parentesco, quando aceitamos a tese de que todo negro é, invariavelmente descendente do continente africano.

Conforme procurei mostrar ao longo destas linhas, estas homogeneidades e saberes cristalizados não são à toa. Possuem a lógica do silêncio, ou dos gritos dos movimentos sociais que jamais irão dispor de sua intensa e tensa pluralidade. Mas tudo isso não se resume nas representações. Outras questões estão colocadas, mas sobre isso, bem sobre isso só na minha dissertação de mestrado.

**Referências bibliográficas:**

- ACHEBE, Chinua. **A paz dura pouco**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- ACHEBE, Chinua. O mundo se despedaça. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- AJAYI, J. F. Ade (Org). **História Geral da África, vol. VI - África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- APPIAH, kwame Anthony. **Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- AZRUI, Ali A.; NIANE, D. T. (Coord.). **História Geral da África, vol. IV – A África do século XII ao século XVI**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil – Contribuição a uma sociologia das interpenetrações das civilizações**. São Paulo: Pioneira/USP, 1971.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- BOAHEN, Albert Adu (Org). **História Geral da África, vol VII - África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- CHARTIER, Roger. **À beira da Falésia. A História entre certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
- COSTA e SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança. A África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- COSTA e SILVA, Alberto da. **A manilha e o libambo. A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- COSTA e SILVA, Alberto da. **Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Nova Fronteira, 2003.
- COSTA e SILVA, Alberto da. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008.
- CUNHA, Maria Manuela Carneiro da. **Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô, papai branco. Usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- FASI, El Mohammed; HRBEK, Ivan (Org). **História Geral da África, Vol. III - África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GOUREVITCH, Phillip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias. Histórias de Ruanda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico nacional**, n. 24, 1996, p. 68 – 75.
- HATZFELD, Jean. **Uma temporada de facões. Relatos do genocídio em Ruanda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HERSKOVITS, Melville **J. Man and His Works – Antropologia Cultural**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano. Minha vida na África**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Volume I. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1972.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Volume II. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. Todos os negros são africanos? Trabalho apresentado na XXVI Simpósio Nacional da ANPUH, Anais eletrônicos, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368\\_ARQUIVO\\_Trabalho\\_completoANPUHIvaldo2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUHIvaldo2011[1].pdf)
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos**. Recife: Edições Bagaço, 2012.

- LIMA, Ivaldo Marciano de França. Por uma história a partir dos conceitos: África, cultura negra e lei 10639/2003. Reflexões para desconstruir certezas. **A Cor das Letras**, n. 12, 2011, p. 125 – 152.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. Selvas, povos primitivos, doenças, fome, guerra e caos: a África no cinema, histórias em quadrinhos e nos jornais. **Áfricas**, vol. 01, n. 01, 2014, p. 45 – 56.
- M´BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, Tomo II.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 01, 2001, p. 172 – 209.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro americana. Uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Pallas/ UCAM, 2003.
- MOKHTAR, Gamal (Org). **História Geral da África, Vol. II - A África antiga**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento**. Mangualde/ Luanda: Edições Pedagogo/ Edições Mulemba, 2013.
- NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiros na própria terra. Representações do brasileiro. 1870 – 1920**. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 1998.
- OGOT, B. A. (Org). **História Geral da África, Vol. V – África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- OLIVA, Anderson de Oliveira. Tese de Doutorado. **Lições sobre a África: Diálogos entre as representações Ocidental e o ensino da história da África no mundo atlântico**, Programa de Pós-Graduação em História. UNB, 2007.
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Catedra, 2002.
- RAMOS, Arthur. **As culturas negras no novo mundo**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979, 4ª edição.
- RODRIGUES, José Honório. **Brasil e África – outro horizonte**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.
- SAID, Edward W. **Oientalismo. O oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, STELLA MAYSE SAMPAIO DOS. **Hollywood e África: uma história que não deu certo. Estereótipos e clichês nas telas – O espírito da selva e a guerra de Ruanda.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2013.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Bauru: Edusc, 1999.

SERRANO Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África – a temática africana em sala de aula.** São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

SILVA, Paulo Rodrigo Ferreira. **As representações do continente africano nas histórias em quadrinhos: uma análise historiográfica de “Tintim na África”.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar / Editora da UFRJ, 2002, 4ª edição.

WHITE, Hayden. **El contenido de la forma: narrativa, discurso y representación histórica.** Barcelona: Paidós, 1992.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991, p. 21-48.

WONDJI, C. (Orgs). **História Geral da África, vol. VIII – África desde 1935.** Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

#### **Referencias Fílmicas:**

**FILHOS do Silêncio.** Direção: Randa Haines. Produção: Randa Haines. Paramount, 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aP-JUMoSHxI>

**HOTEL Ruanda.** Direção: Terry George. Produção: Terry George; Keir Pearson. Lions Gates Films Inc, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sPdC3tdwMu0>

**MADAGASCAR.** Direção: Eric Darnell; Tom Mcgrath. Produção: Mireille Soria; Teresa Chang. DreamWorks Animation, 2005.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Bgc-1a0uak>

**O EXORCISTA.** Direção: Willian Friedkin. Produção: Willian Peter Blatty. Wanner Bros, 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AxjtYcSzerw>.